

EDITORIAL

Nos últimos vinte anos, processaram-se fortes questionamentos sobre as bases epistemológicas calcadas na noção de literatura como objeto aurático, ampliando os debates sobre o conceito de literário. Neste segundo número do sexto volume da revista *Litterata*, apresentam-se artigos voltados a discutir essa temática relacionada à formação, à permanência e a possibilidades de revisão do cânone como parte de um processo mais amplo e cujo entendimento se faz necessário.

Desse modo, a abertura dos trabalhos se faz com reflexões em torno dos “mestres da suspeita”, referência retomada por Nadson Vinícius dos Santos aos pensadores Marx, Nietzsche e Freud, visando analisar suas considerações a respeito da violência humana relacionadas à literatura de testemunho. Sequencialmente, a historiografia literária latino-americana recebe atenção crítica no artigo de Gabriel Cordeiro dos Santos Lima, voltado ao levantamento de suas principais vertentes que, devidamente contextualizadas, permitem reconhecer impasses e limites a serem enfrentados para uma abordagem contemporânea do cânone.

Mais diretamente ligado à problematização dos processos de legitimação e de deslegitimação de obras literárias do cânone brasileiro, o artigo de Lizandro Carlos Calegari e Fábio Martins Moreira está direcionado a perspectivas críticas em torno da representação do personagem negro, especialmente em obras publicadas no país a partir do período romântico. Com ênfase semelhante, Marcia Rejane Kristiuk investiga a memória e a história cultural indígenas, desenvolvendo uma análise sobre a obra literária *Oré Awé roiru'a ma: todas as vezes que dissemos adeus*, de Kaká Werá Jecupé (1994), demonstrando que a literatura indígena vem conquistando um crescente espaço de reconhecimento no conjunto da produção literária brasileira.

As relações entre a literatura e a história continuam sendo problematizadas nos artigos seguintes, porém com perspectivas bastante diversas: Mara Lúcia Barbosa da Silva desenvolve uma análise sobre a correspondência ativa de Caio Fernando Abreu, escrita entre 1969 e 1985, a partir da noção de rastro estabelecida por Walter Benjamin, evidenciando, assim, as percepções do escritor gaúcho sobre a realidade brasileira durante a vigência da ditadura militar. Por seu turno, Ubiratã Roberto Bueno de Souza apresenta uma leitura do romance *Neighbours* (1995), da escritora moçambicana Lilia Momplé, delineando as estratégias narrativas da autora para desenvolver uma reflexão crítica sobre a história de seu país. Já João Ricardo da Silva

Meireles e Cintia da Silva Moraes estudam os romances *O pequeno príncipe* (1946), de Antoine de Saint-Exupéry, e *A trilha dos ninhos de aranha* (1947), de Ítalo Calvino, demonstrando, por meio de seus respectivos personagens infantis que representam a resistência ao nazifascismo, a dimensão anticanônica desses textos no tempo em que foram publicados.

Por fim, mas não com menor importância, os últimos trabalhos deste número voltam-se à ampliação dos sentidos do literário: João Pedro Wizniewsky Amaral aborda, em seu artigo, os limites entre literatura e artes visuais a partir da análise de como as descrições epifânicas são representadas na obra *Retrato do Artista Quando Jovem*, de James Joyce; enquanto Lueny Amanda Oliveira França, Mailson De Moraes Soares e Izabela Guimarães Guerra Leal se debruçam sobre a Poesia Experimental Portuguesa evidenciando sua capacidade de atualização considerando-se os novos suportes das mídias digitais.

Ao final desse percurso analítico, cumprindo-se o objetivo proposto, espera-se que estas significativas reflexões sobre o cânone literário permitam aos leitores encontrarem muitos sabores nesses saberes renovados.

Cristiano Augusto da Silva Jutgla
Inara de Oliveira Rodrigues